

## ONDAS

10/2/5

**P**OR aqui, meu velho, não há nada, a não ser mormaço. O presidente instalou-se em Petrópolis e até o momento em que escrevo ainda não desceu para ver o avião que chegou para ele da Inglaterra; vamos ver quantos dias ele resiste à vontade de brincar com seu brinquedo novo.

No fundo há nisso mais um fenômeno da má distribuição da riqueza na sociedade hodierna. Quem na verdade devia ganhar um avião era eu, que ando precisando tanto de me extravolar um pouco; o Rio está me dando nos nervos, não devido aos seus problemas, mas aos meus. Para falar verdade — ao meu. É um problema pessoal, que eu mesmo inventei, como um menino bôbo e triste. Você dirá que nesse caso não adianta voar; eu voando carrego meu problema aonde fôr.

Adianta, velho: um problema a voar sempre é melhor; tudo faz bem à alma, inclusive aquele pequeno medo que a gente sempre tem na hora de decolar e na hora de aterrissar. Passado o susto, a gente sempre acha gostoso estar vivo, e esse prazer primário, fundamental, de estar vivo ajuda a esquecer as tristezas da vida.

Aqui como estou, neste momento, parado dentro de minha casa, como essas tristezas me parecem pardas! Que estou fazendo no mundo — me pergunto em certos momentos — e tenho a impressão de que estou apenas fazendo hora até chegar a minha vez de ver se o que me toca é um lindo câncer ou um mero infarto do miocárdio.

Juro-lhe que não tenho pressa de saber; meu coração tem dias que amanhece infantil-juvenil, e aquela por quem ele bate haveria de ficar espantada, e me desprezaria ainda mais se pudesse imaginar quanta bobagem eu sou capaz de pensar e sentir. Ainda ontem nadei até uns metros além da arrebatção, e o mar estava calmo, liso; voltei-me e fiquei a boiar, olhando o céu, onde havia duas pequenas nuvens brancas, e pensei tolices tão doces, tão infantis murmurando o nome de minha amada que a certa altura senti vergonha de mim mesmo — um senhor dessa idade, com essa cara, a devanear assim...

É, de resto, um velho uso meu, esse de boiar no mar e me deixar ficar pateta, a olhar as nuvens no céu azul; são gostos da infância, como o tofreamo ou o angu raspado no fundo da panela, que a gente não perde nunca inteiramente. Mas adeus, velho, vou meter uma praia no organismo. Não boiarei; hoje furarei ondas, inclusive alguma onda de ternura ou de saudade que aparecer; estou dinâmico; adeus.

8.2.54

Da —